

“DOIS IRMÃOS” NA SALA DE AULA – UMA PROPOSTA DE LEITURA

Noara Queiroz de Medeiros

Escolas para o desenvolvimento das atividades: Escola Estadual de Ensino Fundamental Obdúlia Dantas e Colégio Normal Francisca Mendes.

Séries para o desenvolvimento das atividades: 2º e 3º anos do Ensino Médio

Período de realização para cada turma: 06 aulas

Justificativa

A literatura é uma das dimensões culturais que mais oferece condições para o desenvolvimento do ser e que, por esta razão, pode ser instrumento e meio de ensino de muitas áreas do conhecimento. A leitura de textos literários provoca a necessidade da compreensão e da interação com o mundo, enriquece as próprias idéias e experiências intelectuais, ou seja, provoca uma expansão do “eu” de cada um. O indivíduo que lê contribui para o enriquecimento de novas experiências pessoais.

O contato com as obras literárias, sobretudo as narrativas, faz com que o leitor possa vivenciar e explicitar sentimentos, pensamentos e interesses, e se coloque em outros tempos, outros lugares, outras culturas.

Formar um leitor nos dias atuais é um processo complexo, pois ler não significa simplesmente decodificar um texto escrito ou extrair a idéia principal de um autor. É bom lembrar que não há fórmulas únicas e absolutas para formar leitores, pois as práticas efetivas sempre escapam às regras. O que se pode fazer enquanto mediador desse processo é buscar meios de elaborar estratégias que possam aguçar nos seus educandos o interesse pela leitura e posteriormente o prazer, despertando para as curiosidades, partindo de concepções dialéticas, guiadas por alguns pressupostos teóricos e metodológicos.

Acreditamos que uma das atividades que possam contribuir para o despertar para a leitura de um romance integral, seja o trabalho com a leitura colaborativa, onde o professor lê fragmentos, capítulos ou a obra inteira com a classe, chamando atenção para os aspectos lingüísticos e para os elementos: como: narrador, personagem, tempo, espaço, linguagem, tema e etc., a fim de dar sustentação aos sentidos atribuídos aos textos.

A leitura deve suscitar inquietações no leitor, que mediado pelo professor buscará respostas às suas indagações. A esse respeito, Ivete Lara Camargo Walty (2004), afirma que o professor reconhece a diferenciação das práticas discursivas e das abordagens que

a leitura pode fazer dos textos e aprende que deve deixar um espaço para a leitura literária, marcada pelo lúdico, atravessada pelo desejo, fonte de prazer e fruição.

A realidade é que muitos professores não agem dessa forma, o ensino de literatura limita-se, muitas vezes, em dados históricos e biográficos. Isso se deve ao fato de muitos educadores não serem leitores ativos de obras literárias, já que, assim como os alunos de hoje, eles também foram vítimas de uma prática pedagógica desvinculada do objetivo principal: o de formar leitores críticos.

Seduzir pela força da palavra bem aplicada, pela sugestão, passando um entusiasmo honesto, verdadeiro. Seduzir pelo exemplo exercido em casa, tornando a leitura uma prática prazerosa que pode (e deve) tornar-se familiar, encontrando respaldo na escola através de professores leitores, no sentido amplo que envolve a palavra leitura.

É para isso que a Literatura se presta, para auxiliar o ser humano a compreender a sua própria existência através de uma linguagem cuidadosamente elaborada, uma linguagem especial que fala do homem enquanto ser enigmático, um ser que busca permanentemente decifrar os mistérios da própria vida e, principalmente, ser feliz, e isso se dá num ambiente democrático, no qual o educador deve levar em consideração o gosto e aversão dos educando em relação a determinados textos.

Objetivos

Geral

Suscitar o prazer pela leitura

Específicos

- Fazer nascer o gosto pela leitura;
- Provocar a reflexão aluno x texto x mundo;
- Suscitar o diálogo com o texto;
- Inferir, compreender o que foi lido;
- Construir o conhecimento através da leitura, entendimento e conhecimento de mundo.

Recursos (humanos e materiais)

Utilizaremos datashow (slides), Livro “Dois irmãos”, do autor amazonense Milton Hatoum, folhas de papel A4, fragmentos do livro xerocados ou digitalizados. O

material humano será composto de professor e alunos. As atividades serão efetivadas em sala de aula.

Procedimentos metodológicos

Apresentamos uma proposta de roteiro de leitura de alguns fragmentos do romance “Dois irmãos” de Milton Hatoum em sala de aula e posteriormente a leitura integral do romance, que deve ser feita em casa, mas sempre com o acompanhamento do professor. Esperamos que os objetivos da leitura, que devem ser o de suscitar reflexão, diálogo, inferências, compreensão e construção do conhecimento, sejam atingidos.

O nível apropriado - a proposta sugerida a seguir pode ser aplicada com alunos da 2ª e 3ª séries do ensino médio e tem como objetivo desenvolver habilidades de leitura analítica, argumentativa e comparativa. Os conteúdos conceituais de suporte que se pretende trabalhar são os elementos da narrativa (pelo menos nos determos em três: narrador, personagem e tema), subsidiados de procedimentos que favoreçam o domínio da leitura e da compreensão do texto em estudo. O tempo para execução das atividades dependerá do ritmo dos alunos, mas pretendemos utilizar quatro aulas para as leituras e discussões em sala de aula, e como atividade de conclusão de leitura na classe, utilizaremos duas aulas para as apresentações das dramatizações.

Inicialmente, antes da leitura dos fragmentos, o professor deve ativar os conhecimentos prévios dos alunos, chamando atenção para alguns gêneros literários, bem como da especificidade de leitura que cada texto exige. Durante a discussão conduzir os alunos à percepção das modalidades de leitura e indagá-los sobre suas experiências de leitura, se já leram algum romance, e o que mais chamou atenção na leitura. Questioná-los sobre possíveis dificuldades na hora de lerem uma obra literária. Esse diálogo deve ocorrer num ambiente democrático, onde os educandos possam expor suas satisfações e frustrações. Após as exposições e comentários, distribuir uma cópia dos fragmentos para cada aluno.

Passemos aos fragmentos do romance “Dois irmãos” selecionados para a leitura em sala de aula:

01.

Zana teve de deixar tudo: o bairro portuário de Manaus, a rua em declive sombreada por mangueiras centenárias, o lugar que para ela era quase tão vital quanto a Biblos de sua infância: a

pequena cidade no Líbano que ela recordava em voz alta, vagando pelos aposentos empoeirados até se perder no quintal, onde a copa da velha seringueira sombreava as palmeiras e o pomar cultivados por mais de meio século.

Perto do alpendre, o cheiro das açucenas-brancas se misturava com o do filho caçula. Então ela sentava no chão, rezava sozinha e chorava, desejando a volta de Omar. Antes de abandonar a casa, Zana via o vulto do pai e do esposo nos pesadelos das últimas noites, depois sentia a presença de ambos no quarto em que haviam dormido. Durante o dia eu a ouvia repetir as palavras do pesadelo, “Eles estão andam por aqui, meu pai e Halim vieram me visitar... eles estão nesta casa”, e aí de quem duvidasse disso com uma palavra, um gesto, um olhar. Ela imaginava o sofá cinzento na sala onde Halim largava o narguilé para abraçá-la, lembrava a voz do pai conversando com barqueiros e pescadores no Manaus Harbour, e ali no alpendre lembrava a rede vermelha do caçula, o cheiro dele, o corpo que ela mesma despia na rede onde ele terminava suas noites. “sei que um dia ele vai voltar”, Zana me dizia sem olhar para mim, talvez sem sentir a minha presença, o rosto que fora tão belo agora sombrio, abatido. A mesma frase eu ouvi, como uma oração murmurada, no dia em que ela desapareceu na casa deserta. Eu a procurei por todos os cantos e só fui encontrá-la ao anoitecer, deitada sobre folhas e palmas secas, o braço engessado sujo, cheio de titica de pássaros, o rosto inchado, a saia e a anágua molhadas de urina.

Eu não a vi morrer, eu não quis vê-la morrer. Mas alguns dias antes de sua morte, ela deitada na cama de uma clínica, soube que ergueu a cabeça e perguntou em árabe para que só a filha e a amiga quase centenária entendessem(e para que ela mesma não se traísse): “Meus filhos já fizeram as pazes?”. Repetiu a pergunta com a força que lhe restava, com coragem que mãe aflita encontra na hora da morte.

Ninguém respondeu. Então o rosto quase sem rugas de Zana desvaneceu; ela ainda virou a cabeça para o lado, à procura da única janelinha na parede cinzenta, onde se apagava um pedaço do céu crepuscular. (p. 11-12).

Propor, inicialmente, a leitura silenciosa do fragmento. Feita essa primeira leitura, o professor deve suscitar uma discussão para que os alunos possam expor suas dificuldades, aceitação, aversão e curiosidade. O que entenderam sobre o fragmento, levantar possíveis interpretações do trecho. Em seguida deve ser feita uma leitura oral, esta pode ser feita de forma colaborativa, o professor lê para a turma em voz alta dando ênfase às expressões fisionômicas, bem como aos elementos textuais, a fim de chamar atenção dos alunos.

Após as leituras chamar atenção para a posição do narrador, que a princípio não dá pista de quem seja, mas ao mesmo tempo parece ser alguém muito próximo da família, alguém que participa diretamente dos fatos, um narrador/personagem. De acordo com Benjamin “a narrativa mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele – assim se imprime na narrativa a marca do narrador” (p. 205), ou seja, o narrador costuma começar suas histórias fazendo descrição das circunstâncias em que foi informado dos fatos que vai contar ou dos quais tem conhecimento. Neste trecho o narrador inicia seus relatos pelo final da história. Ele conta os fatos a partir de suas experiências, do convívio com aquela família e dos relatos que ouviu ao longo de sua vida. Sugerir que os alunos façam um levantamento de possíveis temas a partir desse fragmento.

Ele desceu cedo, tomou café e começou a ler um livro de cálculo de “grandes estruturas”; quando Rânia lhe mostrou as fotografias emolduradas, fechou o livro e admirou suas próprias imagens. Rânia emagrecera, tornara-se mais bonita, os olhos amendoados mais graúdos, o pescoço alongado e o rosto, tal da mãe, quase sem rugas. Envelheceria assim, refratária aos homens, revelando depois de me impressionar. Ela mimava os gêmeos e se deixava acariciar por eles, como naquela manhã em que Yaqub a recebeu no colo. As pernas dela, morenas e rijas, roçavam as do irmão; ela acariciava-lhe o rosto com a ponta dos dedos, e Yaqub, embevecido, ficava menos sisudo. Como ela se tornava sensual na presença de um irmão! Com esse ou com o outro, formava um par promissor.

Nos quatro dias da visita ela se empeteceu como nunca, e parecia que toda a sua sensualidade, represada por tanto tempo, jorrava de uma só vez sobre o irmão visitante. Rânia, não a mãe, ganhou os melhores presentes dele: um colar de perolas e um bracelete de prata, que ela nunca usou na nossa frente.

Ainda chovia muito quando a vi subir a escada, de mãos dadas com Yaqub; entraram no quarto dela, alguém fechou a porta e nesse momento minha imaginação correu solta.

Só desceram para comer. (p. 117).

A leitura desse trecho pode ser feita por um aluno em voz alta, a turma deve acompanhar silenciosamente. Diferentemente do 01 fragmento, este pode gerar outra discussão, mas levando em consideração, sempre, a posição do narrador ao relatar os acontecimentos. Chamar sempre atenção para este narrador, que através de um olhar clínico coloca em evidência várias possibilidades de temas no romance.

Esperamos que os alunos consigam descobrir a temática do erotismo no fragmento acima. É importante não antecipar essa informação para eles, deixar que os mesmos descubram. Isto pode ser feito através de questionamentos, sem necessariamente exigir respostas, mas com a finalidade de levá-los a refletir sobre o tema. Ao surgir uma pergunta o professor pode fazer outra pergunta, assim os alunos encontrarão razões para uma reflexão maior e tentarão buscar respostas, e, possivelmente, chegarão ao tema recorrente nesse trecho.

É o momento de chamar atenção para o significado do termo erotismo, fazer um levantamento prévio do conhecimento acerca desse assunto, perguntando o que sabem sobre o tema, se já leram algum texto (poema, romance, artigo de revista etc) no qual abordasse esse assunto. Solicitar que explicitem alguns exemplos.

O sentido tático é ativado nas cenas onde Rânia roça as pernas nas do irmão e acariciá-lhe o rosto. São imagens que apontam para um erotismo, além de colocar em dúvida uma relação de incesto entre os irmãos. O narrador observa o comportamento dos dois. Ele confessa que sua imaginação corre solta, quando a vê subir para o quarto de mãos dadas com o irmão.

03. Num dia em que o Caçula passou a tarde de cueca deitado na rede, o pai o cutucou e disse, com a voz abafada: “Não tens vergonha de viver assim? Vai passar a vida nessa rede imunda, com essa cara?”. Halim preparava uma reação, uma punição exemplar, mas a audácia do Caçula crescia diante do pai. Não se vexava, parecia um filho sem culpa, livre da cruz. Mas não dá espada. Foi reprovado dois anos

seguidos no colégio dos padres. O pai o repreendia, dava o exemplo do outro filho, e Omar, mesmo calado, parecia dizer: Dane-se! Danem-se todos, vivo a minha vida como quero.

Foi o que ele gritou ao ser expulso do colégio. Gritou varias vezes na presença do pai, desafiando-o, rasgando a farda azul, a voz impertinente dizendo: “Acertei em cheio o professor de matemática, o mestre do seu filho querido, o que só tem cabeça”.

Zana e Halim foram convocados pelo diretor. Só ela foi, ela e Domingas, sua sombra servil. Soltou cobras e lagartos nas ventas do irmão diretor. O senhor não sabia que o meu Omar adoeceu nos primeiros meses de vida? Por pouco não morreu, irmão. Só Deus sabe... Deus e mãe... Ela suava, entregue ao êxtase da grande mãe protetora. (p. 33 – 34).

Neste fragmento, que pode ser lido em voz alta com os alunos, o professor pode discutir a relação da mãe com o filho Caçula. Chamando atenção para o comportamento de Omar, rebelde e agressivo, dono da verdade, não quer saber de estudar, vive deitado, não trabalha e ainda se acha no direito de esnobar e agredir as pessoas.

O nosso propósito é fazer com que através da leitura desses fragmentos, os alunos possam levantar várias questões relacionadas aos temas da narrativa, o comportamento das personagens e do narrador. Com um olhar voltado para os conflitos familiares e as relações dos indivíduos.

Os conflitos na narrativa se dão no momento em que Zana resolve ter filhos, contra a vontade do esposo que não deseja dividir a atenção da esposa com ninguém, nem mesmo com os filhos. Entrelaçam as cenas de ciúmes e revoltas entre o casal. Zana tem gêmeos e notoriamente tem preferência por um deles, Omar, que quando criança teve problemas de saúde, e, isso, parece justifica os mimos e a proteção excessiva que a mãe dá ao filho. Yaqub é o filho revoltado, cresce com as marcas da violência do irmão que durante um abrigo por causa de uma menina do colégio é agredido pelo Caçula, que deixa uma cicatriz no rosto que servirá de estímulo para sua vingança depois da morte da mãe.

04.

Halim me mostrou o álbum do casamento, de onde tirou uma fotografia que apreciava: ele, elegante, beijando a moça morena, ambos cercados por orquídeas brancas: o beijo tão esperado, sem nenhum pudor, nenhuma reverência às ratas de igreja e ao Zoraier: os lábios de Halim colados nos de Zana, que, assustada, os olhos abertos, não esperava um beijo tão voraz no altar. “Foi um beijo guloso e vingativo”, disse-me Halim. “Calei aquelas matracas, e todos os gazais do Abbas estavam naquele beijo.”

Então era isso, assim: ela, Zana, mandava e desmandava na casa, na empregada, nos filhos. Ele, paciência só, um Jô apaixonado e ardente, aceitava, engolia cobras e lagartos, sempre fazendo as vontades dela, e, mesmo na velhice, mimando-a, “tocando o alaúde só para ela”, como costumava dizer.

Mas era um demônio na cama e na rede. Ele me contou cenas de amor com a maior naturalidade, a voz pastosa, pausada, a expressão libidinosa no rosto estriado, molhado de suor, molhado pela lembrança das noites, tardes e manhãs em que os dois se enrolavam na rede, o leito preferido do amor, ali onde os poderes de Zana se desmanchavam em melopéia de gozo e riso. (p. 54).

Voltamos à temática do erotismo, tema no qual nos deteremos mais. Chamar atenção para a expressão “demônio” seguida de imagens que são muito fortes na narrativa, sobretudo as cenas de amor que acontecem na cama e na rede entre Halim e Zana. É possível que este assunto possa interessar os alunos já que se trata de um tema muito recorrente no meio deles, embora, muitas vezes seja tratado numa outra perspectiva, a da pornografia. A intenção é trabalhar o tema do erotismo diferentemente da forma como eles vêem, uma coisa feia e imoral. Mostrar que não há nada de pornográfico nessas cenas, mas de sensualidade, diferentemente do pejorativo e da pornografia.

Do ponto de vista conceitual, o erotismo é o desejo, o estado de excitação corporal. Na relação de Halim e Zana o erótico emerge como uma força brutal das paixões violentas.

05.

Eu não sabia nada de mim, como vim ao mundo, de onde tinha vindo. A origem: as origens. Meu passado, de alguma forma palpitando na vida dos meus antepassados, nada disso eu sabia. Minha infância, sem nenhum sinal da origem. É como esquecer uma criança dentro de um barco num rio deserto, até que uma das margens a acolhe. Anos depois, desconfiei: um dos gêmeos era meu pai. Domingas disfarçava quando eu tocava no assunto; deixava-me cheio de dúvidas, talvez pensando que um dia eu pudesse descobrir a verdade. Eu sofria com o silêncio dela; nos nossos passeios, quando me acompanhava até o aviário da Matriz ou a beira do rio, começava uma frase mais longa interrompia e me olhava, aflita, vencida por uma fraqueza que coíbe a sinceridade. Muitas vezes ela ensaiou, mas titubeava, hesitava e acabava não dizendo. Quando eu fazia a pergunta, seu olhar logo me silenciava, e eram olhos tristes. (p. 73).

O narrador tem um propósito, descobrir sua identidade, saber qual dos homens da casa é seu pai. Por isso, vive pelos cantos ouvindo e observando cada ação e gesto das pessoas. A partir desse fragmento temos uma pista de quem seja esse narrador, e isso aumenta a nossa curiosidade, queremos descobrir junto com Nael quem é seu pai. A tensão é um elemento muito forte na narrativa, pois somos conduzidos à leitura e a descoberta dos fatos para depois emitirmos o nosso juízo final.

A forma como o tempo está posto na narrativa, o tempo da infância, da juventude e o do depois. O narrador relata a história depois de mais de trinta anos, quando quase todos da casa já morreram. Chamar atenção dos alunos para a construção desse narrador-personagem que escreve a história dos outros e a sua própria história. Vale destacar que quem contribuiu diretamente para que ele escrevesse esses relatos, foram Halim e Domingas que confidenciavam muito do que acontecia na casa. Na verdade é uma narrativa de depoimentos e experiências.

06.

Ele me deu um susto ao entrar de mansinho na casa. Tinha acabado de chegar do aeroporto e parecia um paxá. O espadachim da juventude não perdera a pose: estava de pé, as mangas arregaçadas, e fumava, apreciando a chuva, magnetizado pelo ruído das gotas grossas que estalavam no telhado. Domingas largou o ferro e foi acolher o recém-chegado. Abraçou-o, e foi o abraço mais demorado que ela deu num homem da casa. Depois serviu-lhe suco de jambo, armou a rede no alpendre e pôs ali uma mesinha com pupunhas cozidas e um bule de café. Ele deitou na rede e, com um gesto, pediu que minha mãe ficasse junto dele.

Eu me aproximei do alpendre para ouvir a voz de Yaqub: uma voz grave que pronunciava várias vezes o meu nome. Minha mãe apontou os fundos do quintal. Notei que alguma coisa nele havia mudado, pois na outra visita não ficara tão perto de Domingas. Agora os dois pareciam mais íntimos, confabulavam à vontade. Quando a rede se aproximava de minha mãe, Yaqub passava-lhe a mão no cabelo, na nuca. Ele só parou de rir quando Domingas, por distração, roçou-lhe a cicatriz com os dedos. (p. 194).

Mais uma vez o narrador nos chama atenção para o tratamento afetuoso de Domingas com um dos gêmeos, Yaqub. O narrador percebe a intimidade entre os dois, o abraço demorado. Chamar sempre atenção para a intenção do narrador, descobrir o segredo, saber quem era seu pai. Cada olhar, cada gesto podia emergir como uma pista para sua descoberta.

Nael vivia em função de saber a verdade sobre si mesmo, mas as pessoas da casa lhe negavam isso, sua mãe fugia do assunto, mesmo assim, o narrador não desistia, as inquietações não o deixava em paz, era preciso ter uma identidade, saber de onde veio, como veio. Gostava de Yaqub, mas não suportava a presença de Omar. Isso pode revelar que seu desejo era que o Yaqub fosse seu pai.

Sugestões de atividades após a leitura em sala de aula:

Dividir a turma em quatro grupos e propor uma atividade para cada grupo inspirada nas leituras feitas em sala de aula.

DRAMATIZAÇÃO

- Ficará a critério de cada grupo escolher uma cena onde apareça a temática do erotismo – sugerir que os grupos façam uma adaptação para o teatro do fragmento escolhido, deixar claro que na adaptação a fala do narrador desaparece, ficando apenas os diálogos e as ações. Já que o texto ativa os sentidos (audição, visão, olfato, tato), chamar atenção para este detalhe na hora da encenação, a fim de que valorize esses sentidos;
- Os grupos devem ficar atentos para o cenário da cena – deve estar favorável ao clima de sedução e erotismo – valorizar o olhar, os gestos, os toques e etc.

Resultados Pretendidos

Esperamos suscitar o gosto pela leitura literária através de uma metodologia dinâmica, onde o professor como mediador seja uma fonte proveitosa, prazerosa e influenciadora desse ato. Onde o aluno possa estabelecer o afeto pela leitura sem se distanciar da literatura. Ler não apenas por obrigação, mas ler por satisfação. Ler e dar significado ao que foi lido.

Avaliação

O escritor amazonense Milton Hatoum, nos apresenta um universo de possibilidades quando com maestria e inteligência nos apresenta uma obra rica em possibilidades de análise e personagens que engrenam múltiplos papéis observáveis. O romance “Dois irmãos” difunde a dicotomia das culturas brasileira e libanesa.

O universo ficcional de Hatoum efetua-se num espaço híbrido de confluências e choques culturais que estabelecem os personagens mediante arranjos identitários num diálogo entre polaridades: passado e presente, Brasil e Líbano e a coexistência entre o paradoxo de cultura, tradição e língua.

Toda leitura exige uma interação, a literária exige mais que isso, ela oferece condição para que o leitor aceite ou rejeite o ponto de vista do autor, e faça suas inferências, abra um leque de discussões explore diversos aspectos estruturais e textuais.

Sabemos que toda mudança metodológica requer trabalho e paciência, sobretudo do educador, que muitas vezes prepara uma aula e quando chega à sala a turma não corresponde às suas expectativas. Isso se deve porque, muitas vezes, os horizontes do educando são outros. Neste sentido, o professor precisa rever a sua prática e buscar outros meios que possam agradar e chamar atenção dos alunos.

Sendo assim, tivemos a ideia de propor um roteiro de leitura de fragmentos da obra “Dois irmãos”, onde agradar ou não dependerá de como será conduzida a leitura e as discussões em sala de aula. O nosso propósito é fazer com que o educando leia os textos literários e atribua significados às suas leituras. Como a obra sugerida, inicialmente, suscita uma discussão de vários temas que, possivelmente, despertem o interesse do educando, esperamos que a proposta seja bem aceita e trabalhada dentro dos parâmetros que norteiam o objetivo maior da leitura que deve ser o da reflexão.

7.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Porto Alegre: L&PM, 1987.

BENJAMIN, Walter. **O narrador**. In: _____. Obras escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1985.

CAMPOS, Maria Inês Batista. **Ensinar o prazer de ler**. São Paulo: Olho d'Água, 1999.

CÂNDIDO, Antonio **A personagem de ficção**. São Paulo. Editora Perspectiva, 2000

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das letras, 2000.

HOUAISS, Antonio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Objetiva, 2002.

PARAÍBA/SEEC. **Referenciais Curriculares para o Ensino Médio da Paraíba: Linguagens, Códigos e Suas Tecnologias**. João Pessoa: [s.n), 2006.

WALTY, Ivete Lara Camargo. **Leitura literária em tempos de crise**. In _____. Democratizando a leitura: pesquisa e práticas / Aparecida Paiva...[et al.] (org.). Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2004.